

CONTRIBUIÇÕES DA LÍNGUA LATINA NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL

The Contributions of the Latin language in the Training of the Portuguese Language Teacher in Brazil

*Ivanaldo Santos*¹

*Lenilson Sousa da Silva*²

Resumo

O presente artigo tem por objetivo ressaltar a importância do estudo do latim na universidade, em especial no curso de Letras/Português, assestando o foco na inter-relação entre Língua Portuguesa e Língua Latina. Para tanto, é analisado o processo histórico de formação da Língua Portuguesa, a partir da Língua Latina, constataando a atualidade e utilidade do latim para a sociedade e a universidade. Por fim, apresenta uma possível solução para as dificuldades observadas no ensino-aprendizagem do latim na formação do professor de Língua Portuguesa no Brasil.

Palavras-chave: Língua Latina, Língua Portuguesa, ensino-aprendizagem, professor.

Abstract

This article aims to highlight the importance of the study of Latin at the university level, especially in the Portuguese Language degree, focusing on the interrelation between Portuguese and Latin languages. To achieve this, the historic process of the formation of Portuguese is analyzed starting with Latin, taking into consideration the relevance and usefulness of Latin for society and university. Finally, a possible solution is provided for the difficulties detected in the teaching-learning process of Latin in the formation of the Portuguese Language teacher in Brazil.

Keywords: Latin language, Portuguese language, teaching-learning, teacher.

-
- 1) Filósofo, doutor em estudos da linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), realizou estágio pós-doutoral em estudos da linguagem na Universidade de São Paulo (USP) e estágio pós-doutoral em linguística na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Atualmente é professor do Departamento de Filosofia e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: ivanaldosantos@yahoo.com.br.
 - 2) Possui graduação em Língua Portuguesa e Literatura pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: lenilsonsousa3@gmail.com.

Introdução

A análise de questões como o domínio das normas da gramática do português, a etimologia e a capacidade de didatização para melhor e mais produtivo ensino-aprendizagem, faz parte da formação do profissional em letras, sobretudo o atuante no ensino da Língua Portuguesa (LP). Por isso, considerando o entendimento e assimilação de novos métodos, convém frisar a necessidade de trazer ideias renovadas que contribuam positivamente na formação. Disciplinas como a Língua Latina (LL), enquanto componentes da grade curricular do curso de licenciatura em Letras/LP, permitem identificar lacunas que merecem enfoque mais aprofundado.

A LL desempenhou papel importantíssimo do ponto de vista étnico, linguístico e cultural para a formação da LP. Desde a sua origem, o português esteve muito ligado ao latim. Nesse sentido, impõem-se as seguintes problemáticas: qual a relevância do latim na formação do professor de LP da atualidade? Até que ponto o conhecimento dessa língua antiga pode auxiliar esse professor na compreensão de questões linguísticas/gramaticais do português e, conseqüentemente, no seu ensino?

Antes de tudo, é importante frisar que este estudo não versa sobre o ensino de latim na educação básica. O intuito é apenas a análise interpretativa deste ensino na universidade e, conseqüentemente, como esse conhecimento cultural e linguístico reflete e contribui nas aulas de LP, com o intuito de melhorar a relação ensino-aprendizagem por parte do professor.

Debate-se o ensino da LL porque entende-se que, assim como as demais línguas estrangeiras presentes no currículo de Letras/Português (inglês, espanhol, etc.), o estudo do latim é também vantajoso, mesmo não sendo utilizado como língua materna por nenhum povo. Vale destacar que o latim exerceu, ao longo da História, forte influência em regiões asiáticas e europeias, sofrendo muitas variações linguísticas, inclusive com dificuldades de intercomunicação entre seus falantes, proporcionando o surgimento dos idiomas neolatinos, entre eles o português, mas também o espanhol, francês, romeno, catalão, italiano, etc.

O latim, muito influente durante dois milênios, merece ser melhor considerado na universidade, não excluindo o estudo de sua história.

Não é frequente o estudo de línguas antigas na formação intelectual dos alunos dos cursos de licenciatura na universidade brasileira. Por esse motivo, buscou-se embasar este artigo em pesquisas que contemplam a presente pro-

blemática. Cita-se, por exemplo, Giovanna Longo,³ que traz estudo detalhado do ensino isolado de LL na universidade; Francisco Moreira Luna Neto,⁴ que discute questões importantes para o aprendizado da LP, e Dulce Helena Pontes Ribeiro,⁵ que aborda a aguda crise do ensino do latim no Brasil.

Atualmente existe marcado desinteresse por parte dos alunos de licenciaturas das universidades brasileiras em estudar a LL, bem como certo despreparo, por falta de formação específica, do profissional que leciona esta disciplina. Nesse sentido, “a defesa da sobrevivência do ensino de latim é, em última instância, a defesa da aquisição de cultura de nossa história”.⁶ É praticamente inexistente na universidade nacional a reflexão sobre os aspectos culturais da LL, sua história e povos falantes do idioma. Muitas vezes, o ensino se restringe ao estudo das declinações de casos.

Do ponto de vista da assimilação e da produção de conhecimentos, o latim tornou-se uma disciplina desestimulante e, na perspectiva dos graduandos em Letras, desnecessária. A pura memorização de modelos para a declinação de casos latinos tornou-se grande adversária do seu aprendizado. O aluno, forçado a aprender dessa forma, se limita à memorização de modelos de casos, simplesmente para superar os exames.

O presente artigo procura realçar a importância do estudo do latim na universidade, em especial no curso de Letras/Português, focando a inter-relação entre LP e LL. Nesse sentido, almeja-se fornecer fundamentos para o professor de LP, e assim contribuir na construção de conhecimentos prévios à formação do vernáculo, como no tocante à cultura linguística e às construções léxico-gramaticais da língua, estritamente relacionados com o latim.

A análise se pauta, pois, na descrição do ensino da LL na universidade, sua organização e atualidade nos cursos de Letras/Português. Recordar-se também a presença viva da língua romana na atualidade, como, por exemplo no âmbito do direito ou da medicina.

Segue-se aqui o método bibliográfico interpretativo, isto é, analisam-se os dados “exclusivamente a partir de fontes bibliográficas”, através de leituras

3) LONGO, Giovanna. *Ensino de Latim – Problemas linguísticos e uso de dicionário*. Dissertação. Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa. Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2006.

4) LUNA NETO, Francisco Moreira. A importância de estudar o latim para o aprendizado da sintaxe da Língua Portuguesa pelos discentes de Letras da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC-BA. In: *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*, Rio de Janeiro: Cífil, 2008.

5) RIBEIRO, Dulce Helena Pontes. Agoniza no Brasil o ensino de Latim. *Transformar*, v. 7, 2015, p. 7-19.

6) LUNA NETO. Op. cit., p. 20.

sobre o ensino de latim na universidade a “partir da técnica de análise de conteúdo”.⁷ Assim, a abordagem se configura como qualitativa, por se tratar de informações que “não podem ser diretamente observadas ou medidas”,⁸ ou seja, impossíveis de ser contabilizadas. Por isso, são interpretadas qualitativamente.

Inicialmente, são analisados trabalhos já publicados na área, dentre eles teses e dissertações, que versam sobre o ensino e as condições atuais da LL na universidade no tocante às discussões em torno da relação com a LP e da presença do latim na sociedade em distintas áreas.

Parte-se do pressuposto que a LL tem se tornado disciplina irrelevante na concepção do geral do alunado. Ora, isso ocorre, em parte, devido à forma como ela é lecionada na universidade. Como se trabalha o ensino de latim na universidade? Que pontes são feitas para/com o ensino básico? Para que nos serviria esta língua enquanto disciplina obrigatória?

O estudo se divide em quatro partes: 1. O latim e o português: pressupostos teóricos; 2. A LL e a formação do português; 3. A atualidade do latim na sociedade e na universidade; 4. O latim e o ensino de LP: questões morfossintáticas. Por fim, pondera-se como deve ser desempenhado o ensino do latim nas universidades.⁹

1. O latim e o português: pressupostos teóricos

Esta seção está subdividida em três partes. A primeira diz respeito ao aporte teórico sobre a relação existente entre LL e LP, compreendendo o contexto de expansão que culminou com a formação das línguas neolatinas; a segunda trata de um recorte das ideias contidas na bibliografia escolhida sobre o ensino de latim na universidade, refletindo sobre a sua prática; a terceira sublinha as contribuições que o idioma antigo pode oferecer ao professor de LP, no que tange a um maior embasamento para a sua prática pedagógica.

7) GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002, p. 50.

8) LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia Científica*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011, p. 109.

9) Para aprofundar o estudo, tem-se como *corpus* de análise a ementa da disciplina LL do Projeto Pedagógico do Curso de Letras LP da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN): UERN. *Ementa de LL*. Projeto Pedagógico do Curso de Letras. UERN, 2014. Disponível em: <<http://www.uern.br/>>. Acesso em: 24/07/2018.

1.1. ALL e a LP: uma relação de coexistência

Desde o início da formação da LP encontram-se relações de coexistência com a LL. Devido ao grande poderio exercido sobre diversas regiões — como a Península Ibérica (Hispania), a Mesopotâmia, a Bretanha etc., por meio de dominação política, econômica, religiosa —, o idioma muito se expandiu territorialmente.

Junto com esses povos, crenças, costumes, etnias e culturas locais também se expandiram. Em cada região dominada pela civilização romana, o idioma se transmudava e recebia influência da população conquistada. Por outro lado, “ao mesmo tempo que estendiam seus domínios, os romanos levavam para as regiões conquistadas os seus hábitos de vida, as suas instituições, os padrões de sua cultura” e, por isso, “em contato com outras terras e indivíduos de outras civilizações, ensinavam, mas, também, aprendiam”.¹⁰

Essa expansão proporcionou crescentes variações linguísticas no idioma, diferenciando-o *pari passu* da forma clássica, conforme às normas gramaticais, gerando o denominado *latim vulgar*. “Com o passar do tempo, acentuou-se a separação entre essa língua literária, praticada por uma pequena elite, e o latim corrente, a língua usada pelos mais variados grupos sociais da Itália”.¹¹

Nesse sentido, o que se entende hoje por variação linguística¹² já acontecia naquela época, e de forma acentuada, propiciando grandes *modificações*, ao ponto de se configurar numa nova língua, como foi o caso do latim em relação ao português.

Exemplo dessas variações é o português falado atualmente em Portugal e no Brasil, que apresentam diferenças notáveis, tanto no âmbito sintático e semântico, quanto fonético e fonológico. Algo análogo ocorreu com a LL, que “serviu de protótipo sintático e de estilo para as línguas modernas [neolatinas]”.¹³

10) LUNA NETO. Op. cit., p. 12.

11) Ibid.

12) O conceito de *variação linguística* é utilizado e discutido pela sociolinguística e esta afirma que a “variação e a mudança são inerentes às línguas e que, por isso, devem sempre ser levadas em conta na análise linguística”. Cf. CEZÁRIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. In: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Manual de Linguística*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 141. Ainda na concepção dos sociolinguistas, a língua é “intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável, e está sempre em desconstrução e em reconstrução”. Cf. BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso*: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola, 2007, p. 35.

13) RIBEIRO. Op. cit., p. 10.

1.2. O ensino do latim na universidade

Em certa medida, falar da LL é falar de poder, de cultura, de arte e de literatura. É importante a presença do latim na universidade, especialmente no curso de Letras/Português porque, dentre outras razões, “nossos aprendizes devem ser formados com um conhecimento geral das ciências que se dedicam a aprender”.¹⁴ A História não pode ser omitida, tampouco a prática pedagógica, no tocante ao ensino da LP.

O latim hoje ensinado e apresentado provém de registros da literatura latina clássica e da transcrição de discursos orais.

A LL, em desuso como sistema oral e escrito oficial da sociedade, impõe estudos universitários voltados para as habilidades de leitura de textos em latim, que levantam indagações como: ao término da disciplina, o aluno consegue ler com fluência? Ou consegue ter ao menos certa proficiência do idioma?¹⁵

Os fundamentos do inglês ou do espanhol, enquanto disciplinas priorizadas por muitas universidades brasileiras, como obrigatórias no currículo, visam realmente oferecer essa proficiência ao alunado, de modo a capacitá-lo a reconhecer palavras e estruturas do idioma estudado.

Quanto à LL, isso não acontece na prática, já que “o que se observa hoje é certa desvalorização do ensino do latim por parte de seus discentes na academia e de certa desatualização de seus profissionais”.¹⁶ Provavelmente alguns docentes da disciplina são desprovidos de estudos aprofundados do idioma, lecionando-o devido ao déficit de pessoal profissionalizado na área de línguas antigas, ou simplesmente para preencher carga horária. Omitindo juízos de valor, é fato que muitos deles ocupam suas aulas com simples declinações de casos e sua memorização, com vistas à aplicação de avaliação, sem qualquer reflexão ulterior.

O desestímulo dos alunos em aprender o idioma merece enfoque. Assim:

Quando se trata de desinteresse é importante destacar que essa atitude vem de certo histórico estrutural defasado do próprio ensino de LP, no qual os graduandos em letras chegam com uma grande dificuldade em não [*sic*]

14) LUNA NETO. Op. cit., p. 12.

15) LONGO. Op. cit., 2006.

16) LUNA NETO. Op. cit., p. 20.

entender o estudo dos casos latinos, devido à péssima aprendizagem da sintaxe da LP.¹⁷

Refletindo acerca dessa colocação, entendemos a complexidade do ensino de LP na educação. Ora, como entender a sintaxe do português, sem a análise de seus processos anteriores? Outro problema diz respeito ao ensino “gramaticalista”, com textos desconexos do universo discente, privando-se do método revisional da sintaxe do português e impossibilitando ainda mais a compreensão das normas da língua.

É importante destacar também o nível de conhecimento e domínio da sintaxe do próprio vernáculo apresentado à conclusão do ensino médio, prévio à universidade: “Se o aluno tem dificuldades no ensino da língua materna, a rejeição ao latim dispensa explicações”.¹⁸ Assim, é necessário que o graduando matriculado em LL já possua domínio da sintaxe da LP, para favorecer o aprendizado da língua antiga na universidade.

1.3. O latim como elemento de referência para o ensino de LP

Este estudo discute a língua apenas no âmbito universitário, de modo a analisá-lo e debater as contribuições que o idioma, enquanto disciplina curricular, possa trazer para o ensino de LP no tocante à formação de conhecimentos linguísticos, gramáticos e culturais da língua vernácula.

Os professores da LP costumam se deparar em sala de aula com questões referentes aos pressupostos linguísticos do vernáculo. Por exemplo: “Por que creme *capilar*, e não ‘cabelar’, *aquário*, e não ‘aguário?’”¹⁹ A LP, como idioma neolatino, assemelha-se muito em aspectos mórficos, semânticos e sintáticos à língua originária; por isso, a grafia destas e de muitas outras palavras é explicável pela etimologia. Além disso, esse tipo de estudo permite adquirir vocabulário mais amplo.

Todo professor, e em especial o de LP, deve possuir domínio da gramática normativa, e compreender que a “gramática tradicional portuguesa foi estabelecida a partir da gramática latina”.²⁰ Somente assim poderá alcançar melhores resultados no aprendizado dos alunos.

17) Ibid.

18) RIBEIRO. Op. cit., p. 11.

19) RIBEIRO. Op. cit., p. 8.

20) RIBEIRO. Op. cit., p. 11.

Indiscutíveis são as benesses adquiridas pelo estudo do latim. Além da base etimológica portuguesa, do repertório lexical, do domínio da análise sintática do português, ele favorece o raciocínio lógico e até mesmo um melhor conhecimento histórico-cultural das sociedades inseridas no processo de desenvolvimento do latim enquanto idioma e de sua supremacia enquanto civilização romana dominadora de vários povos.

2. *ALL e a formação da LP*

É impossível tratar do presente tema sem abordar os acontecimentos que marcaram a história evolutiva da civilização romana. Por isso, estuda-se nesta parte questões e contextos históricos acerca da difusão da LL, dos processos de expansão e de isolamento em determinadas regiões, originando novos idiomas.

2.1. *Percurso histórico da LL à LP*

Registros remotos atestam o surgimento da LL por volta do século VII a.C. Assim sendo, qual seria importância do estudo desse idioma tão antigo, caído hoje em desuso? A resposta supera o campo linguístico, a saber, se volta para a sua historicidade arraigada em grandes acontecimentos que culminaram com o crescimento, expansão de uma cultura e de hábitos linguísticos de um determinado povo.

O próprio latim advém de derivações de idiomas de certos povos da Península Itálica, especificamente no Lácio, e é resultado da união de culturas, crenças e costumes linguísticos, da família do *indo-europeu*. Nasceu de maneira simples, entre povos humildes, e cresceu oficializado como língua nacional do Império Romano.

A organização civil e governamental proporcionou que o latim, enquanto idioma, e a civilização romana se tornassem veículo de grande poderio político, econômico e sociocultural. A região tornou-se o “enorme império que ia da Lusitânia à Mesopotâmia, e do Norte da África à Grã-Bretanha”.²¹ Ainda sobre a LL, ressalta-se:

Granjeou, de fato, posição de Língua Universal durante a Idade Média, na época em que Roma alcançou a hegemonia social e política. [...]. Aliado ao cristianismo, o latim fundamenta a civilização ocidental. Até o século XVI

21) LUNA NETO. Op. cit., p. 12.

as leis francesas foram escritas em latim. Mesmo no Renascimento (séculos XV-XVI), o idioma serviu de protótipo sintático e de estilo para as línguas modernas.²²

Só a título de exemplificação do poder expansivo, citamos aqui as conquistas da Itália peninsular, Europa mediterrânea, Gália, Europa central, Ásia menor e África. Houve também outras conquistas tardias, de menor expressão. Essa expansão proporcionou que a língua, a cultura, os ideais e os costumes romanos se transmitissem para os povos colonizados. O processo inverso também ocorria: a cultura latina sofreu variações, mesmo peculiares, nas regiões onde estava inserida.

Com isso, o latim passou a ser cada vez mais apurado e dividido entre *latim clássico*, falado pela elite, e *latim vulgar*, comum a variados grupos da Itália, de menor poderio econômico e social. Essas duas variações — também colocadas como latim formal e informal — ocorreram pela influência grega, que muito contribuiu para a literatura latina e em sua apuração, mas também para a socialização, pois, a “essa altura, o latim consolidou sua condição de idioma universal, embora modificado pela linguagem informal dos soldados junto aos povos dominados pelas legiões romanas”.²³

A liderança do expansionismo romano se utilizava do registro clássico da língua, mas os responsáveis — funcionários do governo, soldados, etc. — pelas lutas territoriais detinham uma variação do latim formal (latim vulgar). Essa forma linguística foi a implementada nas regiões de exposição da LL. Assim, o “latim vulgar foi língua comum dos diversos segmentos sociais da Itália”.²⁴

Como geralmente acontece com um sistema linguístico vigente, este latim vulgar passou a ser usado por grande número de indivíduos — as colônias logo aderiam aos costumes linguísticos latinos —, sofrendo variações mais consistentes e significativas. Reitere-se que um dos fatores para a variação do latim era o grau de seu conhecimento.

É pertinente essa discussão sociolinguística, pois:

Todas as línguas vivas apresentam naturalmente uma variação vertical (correspondente à estratificação da sociedade em classes), e horizontal (cor-

22) RIBEIRO. Op. cit., p. 10.

23) PEREIRA, Jayme. A importância do Latim no desenvolvimento mentalsomático do conscienciológico. *Conscientia*, v. 12, n. 2, abr-jun 2008, p. 199.

24) RIBEIRO. Op. cit., p. 10.

respondente a diferenças geográficas); além disso, os falantes expressam-se de maneiras diferentes conforme o grau de formalidade da situação de fala.²⁵

Por conseguinte, vários fatores concorrem para a modificação de línguas em uso (variação linguística), como a posição social dos falantes, o nível de conhecimento, a exposição ao tempo e a diferença cultural entre as regiões.

Nessa conjuntura de forte expansão, o latim vulgar se manteve distante das formas clássicas. Assim, “ficou claro que as línguas românicas não derivam do latim clássico, mas das variedades populares”.²⁶ Não obstante, o latim vulgar se “expandiu pela Europa, Ásia, África com a invasão dos soldados romanos e permaneceu atuante até por volta do século IX d.C.”, pois, neste momento, “as línguas românicas começaram a se distinguir dele, apoderando-se de seu espaço”.²⁷

O processo de origem de novas línguas a partir da cultura latina foi também marcado por momentos históricos de lutas e invasões, liderado pelo espírito visionário de conquista por parte dos romanos. Por isso, “predominava o imperativo de exercer e estender domínio até os confins do mundo, mediante a imposição das armas, dos dogmas, e do privilégio de sangue”.²⁸ Este raciocínio nos coloca a refletir sobre quão fortes e complexas eram as forças do Império que, mesmo sob imposições sangrentas, conseguiu conquistar tamanha supremacia.

A influência árabe na Península Ibérica, durante a conquista moura, foi considerável. Houve mudanças importantes na língua, mas também na vida política, econômica e social, formando assim um léxico original.

A decadência do Império Romano marca o início (séc. II) da longa e acentuada queda de um poderio quase universal. A própria organização política romana deu o tom de sua decadência, pois a grande expansão não permitia a conservação da unidade. Assim, à “sólida unidade política anterior, baseada na superioridade de Roma sobre as províncias, sucedeu uma descentralização progressiva, provocada pela própria extensão do império e agravada por uma política inconsequente”.²⁹

Nesse gigantesco território, cuja administração monocrática era na prática impossível, o imperador Diocleciano “repartia o império em quatro regiões

25) ILLARI, Rodolfo. *Linguística Românica*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999, p. 57.

26) *Ibid.*, p. 58.

27) RIBEIRO. *Op. cit.*, p. 10.

28) PEREIRA. *Op. cit.*, p. 201.

29) ILLARI. *Op. cit.*, p. 46.

administrativas, a divisão consumou-se em 395, quando foi desmembrado em Império Romano do Oriente, com a capital Constantinopla, e Império Romano do Ocidente, com a capital Roma”.³⁰

Vale destacar aqui a liberdade dada pelos romanos aos colonizados. A política de convivência permitia que, em sua própria região, os povos colonizados utilizassem suas línguas maternas em contatos internos, ao passo que o latim era mantido nos externos. Com efeito, para os romanos era motivo de orgulho a universalização de sua cultura linguística e o bilinguismo³¹ encontrava convivência favorável, proporcionando as já mencionadas variações linguísticas.

Mais tarde, o império sofre, em algumas regiões, uma série de invasões de povos sedentos de retomar o controle territorial, esmorecendo assim o controle romano. Isso se deve a vários fatores, inclusive à forma de domínio de novos territórios que, por muitos, é tida como superficial, pois os povos colonizados eram sempre maioria, interferindo muito no processo de romanização.

Chegada a Baixa Idade Média, formou-se um novo sistema linguístico particular da região lusa, isto é, o galego-português, do qual nasceu a LP. Inclusive, “este mesmo momento foi marcado, também, pela expulsão dos Árabes com a tomada de Algarves e sua inclusão em Portugal, no ano de 1263, após um acordo com Castela”.³² Em todo caso, o latim continuou vigente mesmo após a queda do Império (476 d.C.). Várias universidades florescentes no século XIII utilizaram-no como língua franca e muitas obras foram escritas na língua de Cícero até mesmo durante o Renascimento. Até o século XVIII vigorou como a língua das classes intelectuais. De resto, vale recordar que a Igreja Católica contribuiu preponderantemente nessa difusão.

30) Ibid.

31) Sobre o *bilinguismo* é necessário afirmar que existe uma diversidade de critérios possíveis para classificá-lo, “a partir da qual se pode pensar em diferentes critérios, que deixa clara a multiplicidade de definições possíveis. Por exemplo, dentro do critério *status* das línguas envolvidas, apresenta as definições de Bilinguismo Vertical (no qual uma das línguas é oficial e a outra é diferente, aparentada, ou um dialeto) e Bilinguismo Horizontal (situação na qual as duas línguas têm *status* similar). FLORY, Elizabete V.; SOUZA, Maria Thereza C. C. de. Bilinguismo: diferentes definições, diversas implicações. *Revista Intercâmbio*, São Paulo, v. 19, 2009, p. 34. Por esse motivo, sem entrar na discussão, por exemplo, do bilinguismo infantil, do bilinguismo técnico ou da influência dos fatores artísticos e culturais no bilinguismo, é possível afirmar que bilinguismo é a “capacidade individual de um falar uma segunda língua obedecendo as estruturas dessa língua e não parafraseando a primeira língua”. MEGALE, Antonieta Heyden. Bilinguismo e educação bilíngue – discutindo conceitos. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, v. 3, n. 5, 2005, p. 2.

32) LUNA NETO. Op. cit., p. 14.

Após a batalha de Ourique, que derrotou os mouros em território luso, foi assinado o tratado de Zamora, que reconhecia a independência de Portugal. Os costumes linguísticos da jovem nação eram muito semelhantes à escrita e à fala do galego-português, plasmado na redação de documentos da época. Com a transferência da sede do governo para o sul, um português mais apurado foi se formando na circulação oral. Doravante, o novo vernáculo se firmaria gradualmente, até alcançar os requintes literários de Luís de Camões, no séc. XVI.

Iniciadas as grandes navegações no séc. XV, promoveu-se nova expansão linguística nas terras conquistadas, e a LP sofreu constantes variações nesses locais. Assim,

transportado para terras tão distantes, em que o clima, a topografia, os costumes, as crenças, as instituições sociais, os hábitos linguísticos eram os mais diversos, o português não pôde manter aspecto rigidamente uniforme, mas fracionou-se numa porção de dialetos.³³

Chegando ao Brasil, os portugueses encontraram populações indígenas (mais de um milhão) falantes de cerca de 300 idiomas nativos. Pouco a pouco, o português foi introduzido entre elas e reassimilado pelos migrantes com uma nova forma, que envolveu mudanças fonéticas, fonológicas, morfossintáticas e semânticas.

O tupinambá, idioma indígena mais utilizado, foi aos poucos suprimido com a adoção do português. Por outro lado, os portugueses necessitaram contactar com os aborígenes locais, assimilando também a língua deles. Na prática, o Brasil viveu o bilinguismo por certo tempo.

A isso se acrescentam os africanismos oriundos dos escravos negros, introduzidos no Brasil desde o séc. XVI.³⁴ Dessa exposição e intercâmbio surgiu acentuada *miscigenação linguística*,³⁵ derivando assim para o *português bra-*

33) *Ibid.*, p. 15.

34) Sobre isso cf. MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil*. Brasília: Fund. Alexandre de Gusmão, 2012.

35) Semelhante ao conceito de miscigenação racial, o conceito de *miscigenação linguística* se dá pela *mistura* de hábitos e costumes linguísticos. Nada mais é do que a mescla de diversos idiomas com culturas linguísticas diferentes, fazendo resultar um novo modelo de língua. Um bom exemplo de miscigenação linguística ou até mesmo de superação desse conceito são os estudos afro-brasileiros. Esses estudos perceberam que “fortemente influenciado pelo movimento negro estadunidense, um considerável contingente populacional afro-brasileiro passa a reivindicar a especificidade como forma de se reapropriar de uma identidade étnica e racial que havia sido esvaziada pela ideologia da mestiçagem, e trata de resgatar valores étnicos, raciais e culturais do negro-africano como inerentes à raça negra”. OLIVEIRA,

sileiro, distinto do europeu. Apesar disso, a LP não perdeu sua ligação com a LL, que se manteve como a principal fonte lexicográfica.

3. *A atualidade do latim na sociedade e na universidade*

Nesta seção analisa-se o latim enquanto disciplina do curso de Letras e sua atualidade e importância na sociedade contemporânea, nas diversas áreas do conhecimento.

As grades curriculares de ensino, incluindo a universitária, passam por constantes reformulações, no intuito de atualizar o currículo e incorporar conhecimentos. A LL compôs por muito tempo o currículo obrigatório dos ensinos fundamental e médio no Brasil.

Na era colonial, até a expulsão, os jesuítas promoveram o ensino da LL, figurada em sua *Ratio studiorum*, cujo autor preferido era Cícero (citado 35 vezes).³⁶ Os inicianos foram grandes promotores do Humanismo e da Teologia e Filosofia em base latina. Por outro lado, a literatura latina continuava viva até mesmo no Brasil. Basta recordar que o padre jesuíta José de Anchieta escreveu o célebre Poema à Virgem (*De Beata Virgine Dei Matre Maria*) nas areias de Ubatuba em mais de 4 mil versos latinos.

Após a expulsão dos jesuítas do Brasil e o advento do período pombalino, de inspirações iluministas, adotou-se a obra *O verdadeiro método de estudar* (1746), de Luís António Verney como norteadora da metodologia de ensino da literatura. As matérias não eram tão diferentes das lecionadas pela Companhia de Jesus no tocante à linguística — ensino do português, do latim, da retórica e da poética —, mas a sua metodologia era diversa.³⁷ Enquanto os jesuítas tratavam a LL como língua viva, “a reforma terá um caráter totalmente diverso, na medida em que o latim será encarado como

Humberto Luiz Lima de. Jorge Amado e a Releitura da formação identitária brasileira. Uma leitura em *A tenda dos milagres*: por um outro conceito de mestiçagem. In: *Babilônia*, Dossier Mestiçagem Linguística e Cultural, n. 4, 2004, p. 14. Sobre a miscigenação linguística envolvendo a LL, ressalta-se: “A influência do Império Romano é inegável, principalmente em relação ao aspecto evolutivo da língua latina (latim vulgar), realizado pela população que com ela manteve contato e sem a intenção passou a acontecer à miscigenação linguística entre os idiomas e, conseqüentemente, desencadear mudanças que transformariam a língua devido ao seu caráter espontâneo, simples, afetivo, entre outros que só a fala é capaz de transmitir”. Cf. JESUS, Sérgio Nunes de. Contextualização histórica do léxico da língua latina: (A constituição linguística e suas variantes formais). *Colóquio de Estudos Linguísticos e Literários*, Maringá, n. 3, 2009, p. 2074.

36) Cf. LEITE, Leni Ribeiro; CASTRO, Marihá Barbosa e. O ensino de língua latina na universidade brasileira e sua contribuição para a formação do graduando em letras. *Organon*, v. 29, n. 56, 2014, p. 226.

37) Cf. *ibid.*, p. 230.

língua morta, deixando de ser uma língua falada para ser valorizada como herança”.³⁸ Infelizmente, a reforma pombalina não alcançou o êxito desejado, levando a educação brasileira a um longo período de desestruturação.

No período imperial, e sobretudo com a proclamação da República, os estudos humanísticos foram cada vez menos valorizados em detrimento dos estudos científicos.³⁹ O latim se manteve no ensino secundário. Em 1961, porém, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB)⁴⁰ acabou com a sua obrigatoriedade, restando espaço apenas nas universidades.

Com isso, a educação passou por uma espécie de reducionismo, pois, com a exclusão do latim, prejudicou-se a assimilação da cultura, etnia e intelectualidade que deu origem à civilização ocidental. Por outro lado, as *Diretrizes curriculares para o curso de Letras* facultaram em 2001 o ensino de uma “língua estrangeira clássica” (que incluiria o latim).⁴¹ Nota-se, de qualquer forma, que o número de jovens interessados no estudo do latim nas universidades federais aumentou nos últimos anos.⁴²

Existem, porém, várias correntes de alunos e egressos da universidade que insistem em discutir a dispensabilidade do ensino da LL. Para muitos, o latim seria uma língua morta, sem uso no discurso materno ou no sistema comunicativo dos povos, e portanto sem prestígio social e linguístico; ele deveria fazer parte apenas da História. Mesmo o Vaticano utiliza cada vez menos o latim, e apenas em documentos oficiais e raros eventos, como ocorreu na renúncia de Bento XVI.

Esquecem-se, porém, que essa língua clássica perpetua-se na configuração das línguas românicas. Assim, “todo idioma, ao cumprir a função de ‘nas-

38) ALMEIDA, Anita Correia Lima de. Aulas Régias no Império Colonial Português: o global e o local. In: LIMA, Ivana Stolze; CARMO, Laura do (org.). *História social da língua nacional*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2008, p. 76.

39) Cf. LEITE, Leni Ribeiro; CASTRO, Marihá Barbosa e. Op. cit., p. 234.

40) BRASIL. *Lei n. 4.024 de 20 de dezembro de 1961. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília-DF. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1960-1969/lei-4024-20-dezembro-1961-353722-publicacaooriginal-1-pl.html>>. Acesso em: 5/6/2018.

41) Idem. *Diretrizes curriculares para o curso de Letras. Parecer CNE/CES 492/2001*. Brasília-DF, p. 30. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>>. Acesso em: 7/8/2018.

42) MARANHÃO, Samantha de Moura. Reflexões sobre o ensino de Língua Latina em cursos superiores de Letras Modernas. *Instrumento*, v. 11, n. 1, 2009, p. 28: “Segundo o jornal *O Estado de São Paulo*, em matéria publicada em 09 de outubro de 2006, na USP verificou-se, em 6 anos, um aumento de 154% no número de alunos matriculados em Latim I; em 5 anos, a UNICAMP registrou aumento de 70% das matrículas na referida disciplina e a UNESP, de 118% na disciplina Introdução à Literatura Latina, constataando o INEP/MEC aumento na demanda de vagas nas disciplinas de latim também na UFJF, UFRGS e UFRJ”.

cedouro' linguístico de comunidades vivas, está em permanente evolução".⁴³ Conclui-se, pois, que o latim permanece vivo e atual. Responsável pela criação de novos idiomas, continua a evoluir na sociedade através de seus derivados.

De modo geral, a concepção equivocada acerca da irrelevância da LL na atualidade abre um leque de discussões sobre a sua presença viva na universidade e na sociedade. Isso porque, numa análise mais minuciosa, percebe-se que a LL continua impregnada na sociedade, inclusive no nosso cotidiano. Por exemplo, várias áreas do conhecimento — como a medicina, a botânica, a biologia e o direito — se utilizam do latim para designar nomes, fundamentar normas e conceitos.

Na medicina, várias designações de partes do corpo humano e de medicamentos estão intrinsecamente ligados ao latim. A botânica e a biologia se utilizam de raízes latinas para nomear as mais variadas espécies do reino vegetal e animal. No direito, há diversos termos latinos de uso corrente.

Por outro lado, todo esforço para promover e valorizar a LL é vão sem a atualização do curso, com o intuito de torná-lo mais agradável e menos tecnicista. Nesse sentido, as práticas docentes deveriam ser menos monótonas e as avaliações menos mnemônicas.

É importante a busca de técnicas de ensino mais voltadas para a praticidade, o reconhecimento da presença do idioma em nosso cotidiano. Isso despertará no aluno o desejo de seu aprofundamento, sem aversões *a priori*. Desse modo, vinca-se que é "depósito fértil de grande saber, esse idioma, embora tenha deixado de ser língua materna de agrupamentos humanos, continua vivo na cultura dos povos".⁴⁴

A LP possui, presentemente, várias palavras cujo étimo é latino, ou seja, de termos atuais, usados no cotidiano e não de provincianismos linguísticos. Nos tópicos a seguir, atesta-se essa presença viva e real do latim na LP.

3.1. O latim no direito

Como parte da proposta deste estudo, considera-se o âmbito do direito como breve análise da participação do latim no cotidiano.

O direito no Brasil, como em várias outras partes do mundo, deve a sua estrutura funcional e jurídica às civilizações romanas. Basta recordar que

43) PEREIRA. Op. cit., p. 198.

44) Ibid., p. 201.

o “Código Civil Brasileiro está calcado sobre 80% do Direito Romano”.⁴⁵ Atualmente, o Direito Romano é lecionado como disciplina obrigatória do curso universitário de direito.

No direito ainda são utilizadas diversas expressões advindas da LL. A título de ilustração, citamos: *habeas corpus*, isto é, ação do direito que objetiva proteger a liberdade de ir e vir do indivíduo detido ou ameaçado por abuso de autoridade judicial; *data venia*, ou seja, espécie de ressalva licenciada, pedido de licença para a discordância de opinião alheia; *alibi*, isto é, defesa apresentada pelo réu, para atestar a inculpabilidade do crime acusado, ao apresentar comprovação de que estava em local diferente no dia e horário do cometimento do crime imputado. Também muito comum é a utilização de procuração *ad judicium*, documento que confere ao procurador o direito de exercer qualquer atividade jurídica em favor da parte concedente.

Também são encontradas outras expressões latinas incorporadas e ainda hoje utilizadas pelo direito, como *dura lex, sed lex* (a lei é dura, mas é lei), *conditio sine qua non* (condição sem a qual algo é impossível), *causa mortis* (causa da morte), *nulla poena sine lege* (nenhuma pena sem lei [que a comine]), *sub judice* (causa ainda em apreço pelo juiz), etc. Enfim, há muitas outras expressões utilizadas no direito, cuja extensão supera os limites deste trabalho.

3.2. O latim no cotidiano

O latim está também presente na linguagem do dia a dia; basta prestar um pouco de atenção para encontrá-lo em palavras e expressões como: *curriculum vitae, in loco, sic, status, aedes aegypti, fertilização in vitro, renda per capita, a priori, lato sensu, stricto sensu, homo sapiens, idem, post scriptum, honoris causa, grosso modo, vulgo, alter ego, modus operandi, pari passu, carpe diem, tabula rasa, vade retro, apud, Mater Christi*, entre outras.

É comum também a expressão *in memoriam*, muito utilizada em homenagens póstumas. Outra fórmula muito utilizada na atualidade é *vox populi, vox Dei* (a voz do povo é a voz de Deus). Na academia utiliza-se *lato sensu*, para designar formações em sentido amplo ou *stricto sensu*, para aquelas em sentido restrito; *campus* para significar o terreno de uma universidade, e *corpus* para o material de estudo básico de uma disciplina de estudo.

45) Ibid., p. 199.

O latim está, pois, mesclado à nossa língua, vivo e em constante evolução. Com esse dado, o debate já não se limitaria à sua participação em nosso cotidiano. Se ele é tão utilizado, por que tanto se insiste em sua inutilidade? Vejamos ainda algumas questões relativas ao latim e o ensino de LP para ajudar na resposta.

4. O latim e o ensino de LP: questões morfossintáticas

Esta parte do estudo divide-se em três tópicos. Primeiro, discutem-se os processos de formação de palavras da LP por derivação latina; segundo, as diferenças e semelhanças sintáticas das duas línguas; e, por último, mas não menos importante, a relevância da LL para o ensino-aprendizagem da LP na educação básica.

4.1. Formação de palavras

Conforme já visto, a formação da LP ocorreu devido a várias influências, resultado de diversos processos de empréstimos e derivações de palavras que, em contato com o português primitivo, contribuíram para a criação e o surgimento de novas palavras, às vezes inclusive com significado diverso do original.

Não estranhamente, boa parte dos termos populares da LP adveio do latim vulgar, utilizado pelo povo, ao passo que os termos mais cultos, em formas mais apuradas, originaram-se, em geral, do latim clássico utilizado pela corte e pelo clero.

Frise-se, ademais, que o real significado da palavra só se concretiza no uso da língua, quando exposta à cultura linguística do povo que incorpora peculiaridades locais, que incluem desde a morfologia e a fonologia até os costumes linguísticos em geral. Assim, as palavras latinas transpostas para o português sofriam a influência da cultura lusa, ou seja, se alteravam.

Apesar das semelhanças morfológicas, as palavras de origem latina muitas vezes mantêm sua base semântica igual ou semelhante; contudo, há também mudanças substanciais.

Por exemplo, o termo *volare* significa exatamente “voar”, embora perdendo duas letras na LP. Contudo, o “l” conservou-se no termo “volátil”, que significa algo que pode fugir, voar.

A base etimológica latina da palavra *conhecer*, por exemplo, é *cognosco* (*cognoscere*), cujo processo ocasionou não apenas a queda de letras, mas tam-

bém a transposição ou substituição (*nh* no lugar *gn* e *oscere* por *ecer*). Algo similar aconteceu com a palavra *stella* para o português *estrela*, que envolveu acréscimos (*e* inicial e a letra *r*) e supressões (dígrafo *ll* por única letra).

Ainda a título de ilustração, apresentam-se várias interpretações e ressignificações de palavras portuguesas a partir do radical *labor*, oriundo do latim *laborare*, bem como uma consideração sobre a construção frasal da LP:

c) *Laborare* > lavar. Do radical *labor* aparece em muitas palavras: *laboratório* “lugar em que se trabalha”, *laborioso* “trabalhoso”. A partir de *laborare*, podem-se acrescentar prefixos: co- **col**aborar “trabalhar com (alguém)”, e- **el**aborar “planejar algo, trabalhando”; re- **re**elaborar: fazer novamente, trabalhando. Tornar-se-ia enfadonho se fosse necessário dizer: “tive de fazer o trabalho novamente”, o período fica mais enxuto assim: “tive de reelaborar o trabalho”.⁴⁶

A palavra *dolor* passou por *door*, antes de se tornar *dor*, e de modo semelhante com a palavra *cor* (vinda de *coor* > *color*). Já o vocábulo *docente* deriva do latim *doceo*, que quer dizer ensinar (que, por sua vez, vem de *insigno*, isto é, “pôr uma marca”), e *discente* do latim *disco*, que significa aprender (que, por sua parte, vem de *apprehendo*, isto é, “tomar”, “colher”). Esses exemplos evidenciam nítida variação semântica.

No latim, as palavras não possuíam a desinência *ão*, incorporada posteriormente à LP. Nas palavras *manus*, *leo* e *canis*, respectivamente “mão”, “leão” e “cão”, há variadas terminações que conduziram à mesma desinência “ão”, acrescida da nasalização.

4.2. Semelhanças e diferenças sintáticas

As metodologias de ensino da LL no Brasil se preocupam muitas vezes apenas com a sua análise sintática, sem comparações com o vernáculo. O programa geral da LL como componente curricular obrigatório do curso de Letras/Português, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), traz a seguinte ementa que ampara a discussão: “Comparação das funções das palavras da LP com os casos latinos; introdução ao estudo da estrutura fonética das palavras portuguesas a partir da análise de formas verbais e nominais dos vocábulos latinos”.⁴⁷ Note-se que a estrutura fonética dos casos latinos

46) RIBEIRO. Op. cit., p. 16.

47) UERN. Op. cit., p. 48.

se modificava conforme a função sintática exercida. Essa proposta pedagógica regulariza o procedimento de ensino, para favorecer recursos mais amplos quanto ao paralelo entre LL e LP, prevalentemente comparatista.

Mas isso se refere apenas à disciplina enquanto base de cultura, arte e literatura do mundo romano ou existe outro direcionamento pedagógico para o ensino da LL sem a formação puramente gramatical?

Para além da ementa, é importante frisar que uma língua não é composta apenas de regras gramaticais. Pelo contrário, a gramática se forma precisamente devido aos variados aspectos da língua. Ademais, a cultura, a arte e a literatura são componentes indispensáveis para o ensino integral de línguas.

Recorde-se que a LL se subdividia em duas formas de expressão, o latim clássico e o latim vulgar. No latim clássico, existiam cinco classes diferentes de palavras (declinações), cujos exemplos podem ser: “1ª *hora, ae*; 2ª *lupus, i*; 3ª *ovis, is*; 4ª *cantus, us*; 5ª *dies, ei*”.⁴⁸ Havia ainda seis casos latinos: *nominativo* (função de sujeito e/ou nome predicativo); *vocativo* (função de chamamento); *genitivo* (função de adj. restritivo); *acusativo* (objeto direto); *dativo* (objeto indireto); e o *ablativo* (função de complemento circunstancial ou agente da passiva). Essas cinco declinações tornaram-se apenas três no latim vulgar e os casos se restringiram ao nominativo e o acusativo. Nessa altura, a preposição passou a ser mais utilizada para compensar o desuso de certos casos.

Observa-se, também, a distribuição dos casos latinos em funções sintáticas como a transformação do nominativo em sujeito, do *vocatum* em vocativo, genitivo em complemento nominal, dativo em objeto indireto, ablativo em adjunto adverbial e acusativo no objeto direto. Daí, pode-se depreender que há uma herança sintática do latim vulgar na formação sintática do idioma de Portugal e deste levado e copiado para o português brasileiro.⁴⁹

No eixo sintagmático, o português se diferenciou do latim nas posições ocupadas pelas palavras. Como os casos indicavam a função de cada palavra, a ordem dos elementos da frase não alterava o seu sentido, a não ser no tocante à ênfase desejada (as palavras colocadas no início eram, em geral, realçadas). No entanto, a organização das frases em latim ocorria, geralmente, da seguinte forma:

48) LUNA NETO. Op. cit., p. 16.

49) Ibid., p. 18-19.

SN SUJEITO + SN OBJETO OU PREDICATIVO + SN ADVERBIAL + VERBO

Já o português possui, em geral, a seguinte composição (também em certa medida variável):

SN SUJEITO + VERBO + PREDICATIVO

A principal e mais visível diferença entre as duas línguas na organização sintagmática se refere basicamente à posição do verbo (a LL o traz no fim e a LP no meio).

4.3. A importância da LL para o ensino-aprendizagem da LP

É de grande importância o conhecimento da LL para o domínio da LP, sobretudo no tocante ao vocabulário, competência de leitura, etimologia e significado das palavras, semântica e repertório gramatical. Nesse sentido, a prática pedagógica da LP se coloca em relação de interdependência com o latim, requerendo uma prática mais didática deste. De fato, o “conhecimento do idioma do Lácio trará benefícios aos estudiosos, entre esses benefícios poderíamos citar a maior competência no uso da LP”.⁵⁰ Isso é válido particularmente para os professores de LP.

Entre as utilidades práticas, menciona-se, por exemplo, a correta ortografia, que é favorecida pelo conhecimento etimológico oriundo da LL. O professor poderá assim constituir base para explicações sobre a origem e o significado das palavras. Por outro lado, devido às inerentes diferenças da LL em relação à LP, é mister uma introdução gradual da língua antiga para não criar uma espécie de bloqueio mental por parte do aluno universitário, evitando tratá-la como uma forma linguística superiorizada. De resto, o ensino é dificultado pela inexistência de falantes nativos do idioma.

O modelo de ensino de línguas que coloca a palavra, as unidades mínimas da língua em superioridade ao conceito de língua enquanto grande sistema de valores é fator significativo para a rejeição *a priori* do idioma antigo, desdourando seu valor, inclusive do ponto de vista cultural. O ensino da LL não pode, pois, estar preso a tabelas ou ao vocabulário.

No âmbito do ensino do latim na universidade, recai sobre essa disciplina a defasagem, a desorientação do professor que, com frequência, dispõe-se a lecioná-la apenas para cumprir a carga horária. Não é raro encontrar docentes despreparados para o ensino da LL, cuja metodologia se cifra quase sempre,

50) PEREIRA. Op. cit., p. 202.

como já foi dito, na mera memorização das declinações. O latim pode não ser mais uma língua falada — *parole*, conforme Ferdinand de Saussure —, mas como *langue* nunca morreu. Na realidade, ele continua a sofrer atentados de morte a cada dia pelo descalabro de seu ensino no país.

Por outro lado, o professor de LP deve buscar atrair o aluno a *refletir* sobre a linguagem, evitando o ensino puramente mecanicista. Ademais, é mister desenvolver o senso crítico em sua integralidade, sem superficialidades, e suplantando a interpretação de textos concentrada na decodificação dos escritos. O ensino, pois, deve ser traçado conforme uma metodologia eficaz, considerando inclusive as apetências dos alunos e evitando a simples análise linguística e gramatical.

Conclusão

É lícito supor que o próprio tratamento dado ao latim na universidade foi o principal responsável para o seu atual estado de ensino enquanto disciplina.

A pura memorização automática certamente auxilia a assimilar as regras gramaticais; contudo, o seu sucesso é temporário, pois há forte tendência a seu esquecimento após a avaliação. De resto, esquece-se que o ensino eficaz de uma língua implica em enfatizar a sua utilidade e as semelhanças com a LP, além de sublinhar sua base cultural. Deveria ter como meta ao menos facultar ao estudante o acesso a textos no original.⁵¹

Outro vetor determinante para defasagem desse ensino é o tempo escasso dedicado ao curso no currículo de Letras/Português das universidades, em geral, apenas um ou dois semestres.

Nesse sentido, além de incremento na carga horária, conviria que a universidade desenvolvesse métodos atualizados, de modo a não criar bloqueios na mente dos alunos quanto a uma língua tão ligada ao português. Com efeito, por que tratar a LL como estranha? Afinal, a LP é uma língua neolatina.

Convém, pois, uma reformulação. A LL não pode ser reduzida à gramática. É necessário também retomar o estudo da cultura latina, que favorece o conhecimento de nossa própria cultura. Para o caso do ensino da LL no curso de Letras/Português é importante fornecer exemplos comparativos entre a LL e a LP.

O professor de LP com formação na língua latina poderá refletir muitas questões de ordem histórica, cultural e linguística na educação básica, favo-

51) MARANHÃO. Op. cit., p. 29.

recendo inclusive uma melhor aquisição do domínio da língua materna. A LL faz parte de nosso patrimônio cultural e isso não pode ser negligenciado. Antes, é fonte animadora para o seu estudo.

Urge traçar metas para a reversão desse problema, que se torna um verdadeiro círculo vicioso. O aluno universitário é frequentemente desprovido do domínio do português, pela falência do ensino básico. Por outro lado, não conseguindo adquirir suficientes conhecimentos na universidade, também será incapaz de instruir com eficácia no ensino básico. E assim por diante. Na prática, o ensino da LL e da LP deve envolver a sua globalidade, ou seja, ser isento de reducionismos, evitando sobretudo a exposição pura da gramática.